

# O Pix e o PIB

Ricardo Barboza

Valor, 13.08.2025

Inovações como o Pix provam que modernizar o sistema financeiro é também uma política de desenvolvimento econômico

Desde 2021, o PIB brasileiro tem surpreendido positivamente, superando as previsões do mercado. Em 2022, 2023 e 2024, o crescimento ficou acima até mesmo das estimativas mais otimistas entre as mais de cem que compõem a pesquisa Focus do Banco Central (ver gráfico). Para 2025, o consenso de mercado começou o ano projetando alta de 2% e hoje já aponta para 2,2%, enquanto o FMI prevê 2,3% e o Ministério da Fazenda, 2,5%. Ou seja, uma nova surpresa positiva não pode ser descartada.

Como é possível que o PIB cresça, ano após ano, mais do que preveem dezenas de economistas especializados em conjuntura?

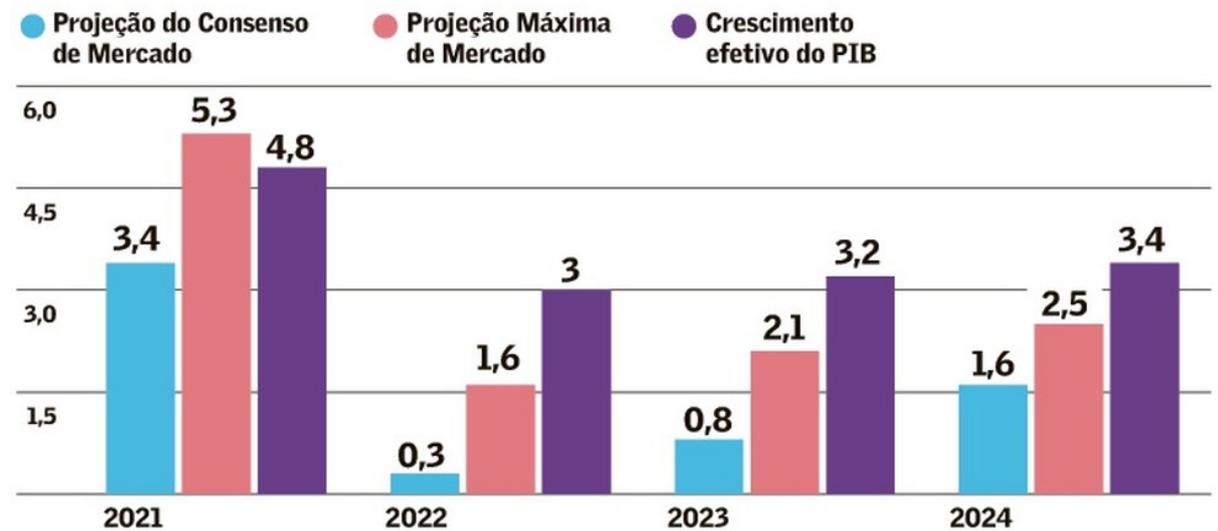
Não faltam hipóteses nesse debate - até porque, muito provavelmente, não há uma única explicação. Diversos colegas já apontaram os efeitos de uma política fiscal mais expansionista, da composição da despesa pública (com maior peso de rubricas com alto efeito multiplicador) e da poupança acumulada em 2020. Também já destacaram a renda do setor agropecuário (supersafras) e as reformas realizadas desde 2016. A lista é grande.

Hoje, quero explorar uma hipótese bastante específica, embasada em estudos recentes, qual seja, a de que o Pix pode ter tido impacto positivo sobre o PIB.

Antes de tudo, é importante entender o fenômeno que é o Pix: não existe um sistema de pagamentos rápidos (do inglês “fast payment system”) tão bem-sucedido no mundo quanto o brasileiro. Para quem tem dúvidas, vale dar uma olhada no estudo recém produzido pela Labrys, denominado “Pix: The new gold standard for Fast Payment Systems”. O Pix virou benchmark entre mais de 120 países com iniciativas semelhantes. Até Paul Krugman, vencedor do Prêmio Nobel de Economia, escreveu um artigo sobre o Pix com o título: “Has Brazil Invented the Future of Money?”.

# Produto Interno Bruto

Expectativa x realidade



Fonte: BCB e IBGE

Isto posto, chama atenção o aspecto temporal. Lançado em novembro de 2020, o Pix foi rapidamente adotado pelos brasileiros. Três meses após o lançamento, o volume financeiro transacionado via Pix já equivalia a 50% do PIB. Oito meses depois, metade da população adulta já havia utilizado esse meio de pagamento. Aliás, foi justamente nesse período que o PIB voltou a surpreender positivamente, após uma década marcada por frustrações. Entre 2011 e 2020, o crescimento econômico ficou abaixo das expectativas do mercado em 9 dos 10 anos - a chamada “década frustrada”. De 2021 em diante, o cenário mudou: o PIB tem superado as projeções em todos os anos da década atual.

Coincidência? Provavelmente não. Um estudo recente, feito por pesquisadores do BIS, com dados de 101 países, mostra que pagamentos digitais impulsionam a atividade econômica: cada aumento de 1 ponto percentual no uso desses meios está associado, em média, a um acréscimo de 0,1 p.p. na taxa de crescimento do PIB per capita em dois anos. A parcela de adultos que usa pagamentos digitais no Brasil passou de 57,9% em 2017 para 77,4% em 2024.

Antes do Pix, o dinheiro em espécie dominava grande parte das transações. Em muitas situações, era preciso sacar os recursos em um caixa eletrônico ou físico para poder consumir. Hoje, o Pix é o principal meio de pagamento do país. Cerca de 95% dos adultos e 84% das empresas já o utilizam. É difícil imaginar que essa onda de pagamentos rápidos não tenha gerado nenhum impacto positivo sobre o PIB.

Com o Pix, ficou bem mais fácil fazer uma compra. Por ser uma forma de pagamento extremamente conveniente, o Pix fez muita gente abrir uma conta em uma instituição financeira para poder usufruir dessa conveniência. Com mais pessoas bancarizadas e com um meio de pagamento simples à mão, ficou mais fácil consumir - e isso impulsiona o PIB. Além disso, após a introdução do Pix, muitos comerciantes passaram a discriminar preços. Hoje, é comum ver o

famoso “5% de desconto no Pix” em vários comércios. Com preços menores, mais compras devem ter sido realizadas.

Na esteira da maior bancarização gerada pelo Pix, as pessoas tiveram acesso a mais produtos financeiros. Estudo muito interessante, de Matheus Sampaio e José Renato Ornelas, mostra que, embora muitos analistas achassem que o Pix substituiria outros meios de pagamento, ele se revelou complementar.

Aumentou, por exemplo, a demanda por cartões de crédito e de débito. Com mais acesso a crédito, o PIB provavelmente aumentou.

Importante mencionar que cartões de crédito representam quase 70% das concessões de crédito para pessoa física no Brasil e a correlação entre as concessões reais de crédito via cartão de crédito para pessoa física e o PIB do Brasil é enorme, de 85% na última década.

Outro ponto relevante, há evidências de que a adoção de sistemas de pagamentos rápidos, como o Pix, estão associados com menor informalidade no mercado de trabalho. Isso também faz o mercado de crédito aumentar, pois empregados formais têm mais informação disponível do que empregados informais, facilitando a concessão de crédito e o PIB. Também há que se notar que o Pix aumentou a competição bancária no Brasil, pois estimulou a entrada de novas instituições financeiras digitais. Com mais competição, preços diminuem e as quantidades aumentam, sem contar que há mais inovações nesse ambiente.

Com efeito, o indicador de Lerner, que é uma proxy para competição bancária, começou a cair justamente a partir do segundo semestre de 2020, após alguns anos de elevação. Essa maior competição aumentou o bem-estar dos brasileiros de forma substancial: paper recente de Sergey Sarkisyan, da Ohio State University, indica que o Pix gerou um aumento de bem-estar equivalente a 15% de aumento no PIB per capita.

Além disso, há evidência mostrando que, ao reduzir o poder de mercado dos bancos, o Pix aumentou a potência da política monetária no Brasil.

Diante dessas evidências, o Banco Central acerta ao seguir ampliando e aperfeiçoando o ecossistema do Pix. Só neste ano, vemos o lançamento do Pix Automático (pagamento de contas recorrentes de forma prática), do Pix por aproximação (eliminando a fricção de inserir uma chave ou de ler um QR Code na hora de pagar) e os debates sobre o Pix parcelado (possibilidade de fazer Pix sem saldo em conta) e o Pix com garantia (uso de recebíveis futuros de Pix como garantia, melhorando o acesso ao crédito para micro, pequenas e médias empresas).

Iniciativas como o Pix mostram que modernizar o sistema financeiro também pode ser uma política de desenvolvimento econômico. No fim das contas, o Pix não seria apenas um meio de pagamento moderno, mas um motor a impulsionar o PIB de forma estrutural.

**Ricardo Barboza é Head de Pesquisa Econômica do Nubank, pesquisador Associado da FGV IBRE e Professor do IBMEC. As opiniões aqui expressas são pessoais.**